

Revista Eutomia - Ano III - Volume 1 - Julho/2010

A Informática nas Ciências Humanas: uma análise quantiqualitativa a partir do Método Camlong

Prof. Marcelo Bernardo dos Santos¹ (SEDO)

Resumo:

O objetivo deste artigo é demonstrar a aplicabilidade de um método estatístico-computacional – Método Camlong – na Análise do Discurso. Para isso, mostrar-se-á o que é o método, os passos para organizar os dados e sua aplicação em uma análise¹.

Palavras-chave: método, tecnologia, análise do discurso.

Abstract

The aim of this paper is to demonstrate the applicability of a statistical / computational method - Method Camlong - in Discourse Analysis. We will show what the method is, the steps to organize the data and its application in an analysis.

Keywords: method, technology, discourse analysis.

Introdução

O avanço da tecnologia nas ciências humanas, assim como nos mais diversos campos do conhecimento, é algo promissor e inevitável. Novos métodos de análise produzidos a partir de novas tecnologias são ferramentas instigantes para observar, interpretar e analisar um objeto de pesquisa. A análise de dados empíricos passa por um processo de mudança na constatação ou refutação de hipóteses levantadas. Sendo assim, demonstrar a aplicabilidade de novos métodos, principalmente tecnológicos, que auxiliem na compreensão de questões propostas para estudo, representa, ou melhor, abre novas perspectivas para um caminho significativo na forma como vem ocorrendo a produção do conhecimento no campo das ciências humanas. Não queremos com isso os limites estreitos da objetividade, uma vez que o caráter histórico-cultural do objeto de estudo e do próprio conhecimento nas ciências é uma construção que se realiza entre sujeitos (FREITAS, 2003). A nossa busca aqui é demonstrar perspectivas inovadoras com a utilização de uma ferramenta informatizada. A máquina mostra os dados trabalhados de uma forma precisa, porém, são o olhar e o conhecimento do pesquisador que darão a **palavra final**. Mas devemos lembrar que não existe uma última palavra, pois, para Bakhtin (2000), o

¹ Os dados aqui analisados foram parte da minha dissertação de mestrado intitulada: **Relações de Gênero: As Formas de Enunciação da Identidade da Mulher na Mídia Jornalística**.

inacabamento é o que permite o que está por vir no discurso humano e possibilita a produção de novos e nunca antes percebidos pontos de vista de um mesmo objeto. Ou seja, estaremos sempre produzindo conhecimento.

O Método Camlong

O método de análise a ser apresentado aqui é o proposto por André Camlong (1996), o qual faz uso de instrumentos estatístico-computacionais para o recenseamento exaustivo de populações lexicais.

Na definição do autor (CAMLONG apud DURANTE, 2007; p. 112), trata-se de um

Método de análise estatística destinado ao tratamento informático de dados lexicais, textuais e discursivos, para o uso de todos aqueles que desejam se dedicar à prática de análise “científica” de qualquer *corpus* textual (escrito ou transcrito), exposto de um ponto de vista teórico e prático.

Para o autor, a importância do método consiste no fato de proporcionar um critério de cientificidade – estatística paramétrica – no tratamento de qualquer conjunto de textos, oferecendo assim, uma leitura do discurso por meio do peso da população lexical recenseada, o que permite uma visão mais ampla da arquitetura lexical, textual e discursiva.

A proposta do método baseia-se na complementação entre um instrumento (tecnologia) e uma técnica (metodologia), ou seja, trata-se da utilização da informática ancorada pela matemática aplicada. Esta última constitui-se da estatística paramétrica, caracterizada pela objetividade, cientificidade e indução; e da estatística descritiva, auxiliar à interpretação, e cuja função é a descrição do *status* de uma população lexical. A estatística descritiva compõe-se de três instrumentos de base: a aritmética para calcular, determinar e controlar; o cálculo algébrico para medir, comparar e integrar; a representação geométrica para visualizar, memorizar e raciocinar.

Dessa forma, tornando-se um instrumento de análise e de síntese, a estatística paramétrica possibilita a observação e transcendência da matéria (texto) e, através de sua manipulação, o desvendamento de sua “arquitetura”, ou seja, o pesquisador-analista chega à composição do discurso (CAMLONG, 1996; p. 7) ².

A análise de dados em ciências humanas, através de ferramentas informatizadas e métodos estatístico-descritivos, traz para muitos uma certa **desconfiança** no que diz respeito ao resultado advindo do uso desses instrumentos das ciências exatas. Números parecem, em um primeiro momento, estranhos para o universo da análise discursiva. Porém, os números aí estão para representarem, de maneira fidedigna, o peso e a importância do léxico e do discurso como um todo. Por detrás dos números estão as palavras e, por detrás destas, está o que buscamos: os textos e os discursos. Esse método estatístico, por sua vez, permite descrever e analisar as relações entre os elementos lexicais e sintático-semânticos que compõem a “arquitetura” dos discursos (CAMLONG, 1996).

² As paráfrases do texto original de Camlong (1996) são notas de aulas ministradas pela Profa. Dra. Maria Cristina Hennes Sampaio no Mestrado em Linguística (UFPE) em 2006.

Por ser um método de análise quantiqualitativa dos dados, não é apenas sob o ponto de vista meramente quantitativo que ele fornece subsídios às análises dos dados. Têm-se dados qualitativos sobre um fundo quantitativo. Para Camlong (1996), ao se configurar a matriz lexical, temos a possibilidade de visualizar toda a “arquitetura textual do discurso”, o que possibilita obter recortes enunciativos validados a partir do peso atribuído a cada léxico do conjunto discursivo.

Não se busca, através do método, simplesmente quantificar o léxico discursivo. Mais do que isso, observa-se “o lugar que cada item lexical ocupa em função de seu peso e de sua distribuição em relação ao todo e a combinatória dos itens lexicais constitutivos do texto” (ZAPPAROLI, 2002; p. 26) para, assim, chegar-se ao conteúdo veiculado, à orientação discursiva, ao ato em potência que se torna evento no momento de sua enunciação (Bakhtin, 1993).

O processamento informatizado dos dados é feito em duas etapas: na primeira, é feito o recenseamento exaustivo do léxico dos textos, distribuídos em variáveis, através do programa STABLEX (CAMLONG, 1996); em seguida, através da MACRO para MS Excel, aplicando-se fórmula estatística, são geradas as tabelas de frequência e de pesos dos léxicos no conjunto das variáveis, conforme descrito a seguir.

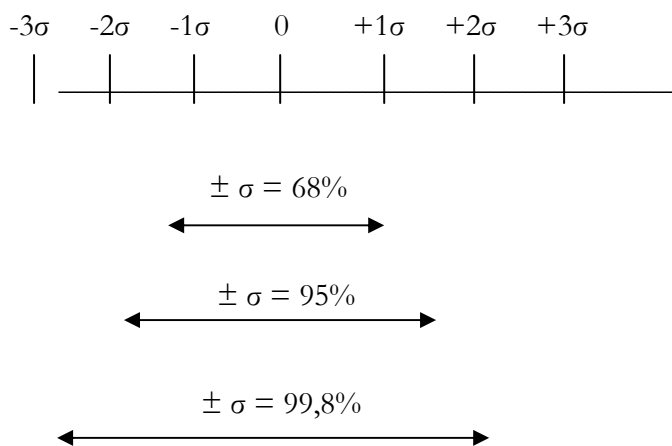
Construção de Léxicos e de Tabelas

Para que fosse possível ter acesso aos recortes dos enunciados discursivos dos *corpora*³ de nossa pesquisa, houve um processamento de dados através do programa de informática STABLEX, a partir do qual foram geradas tabelas de descrição de frequência e de pesos lexicais (CAMLONG, 1996). Com o recenseamento exaustivo do vocabulário obtido do processamento de oito variáveis (Esferas de Atividade), configurou-se a constituição dos léxicos. A MACRO do STABLEX executa automaticamente o recenseamento e a descrição de todo o vocabulário das 8 variáveis que formaram nossos *corpora*, gerando tabelas de distribuição de frequência e de desvios reduzidos, organizadas por ordem alfabética e por ordem de frequência de emprego (CAMLONG, 1996).

As tabelas de distribuição de frequências – TDFs – descrevem a população lexical recenseada, isto é, o número de ocorrências e a frequência dos léxicos. Elas são a matriz a partir da qual são geradas as tabelas de desvios reduzidos – TDRs – matriz de medidas algébricas que leva a determinar o sentido da distribuição dos vocábulos nas variáveis (teste e normalidade), o peso lexical e o sentido vetorial dos pesos (densidade da variação). Para Camlong (1996) identifica-se o sentido através da localização da distribuição das palavras concentradas em espaços e seus limites de dispersão em torno da média “0”.

ESCALA 1

³ Os *corpora* utilizados compreenderam 98 textos, entre editoriais e artigos de opinião, de seis jornais de quatro capitais da Região Nordeste: Recife (PE), João Pessoa (PB), Maceió (AL), Fortaleza (CE). Os jornais foram respectivamente: o Diário de Pernambuco e o Jornal do Commercio, o Norte e o Correio da Paraíba, a Gazeta de Alagoas e o Diário do Nordeste.



Segundo Camlong (apud DURANTE, 2007; p. 115):

O valor do desvio reduzido permite a localização dos espaços de implantação dos vocábulos e a determinação de sua qualidade e representatividade. O peso lexical, quando positivo, expressa uma escolha preferencial; quando negativo, uma rejeição; e nulo, um emprego normalizado em torno da média “0”.

Recorte de Itens Lexicais

Considerando que os objetivos de nossa pesquisa foram descrever, analisar e interpretar a construção de uma identidade feminina nos discursos jornalísticos, realizamos um recorte de itens lexicais e discursivos em sua relação com a construção de uma imagem feminina em diferentes esferas de atividade.

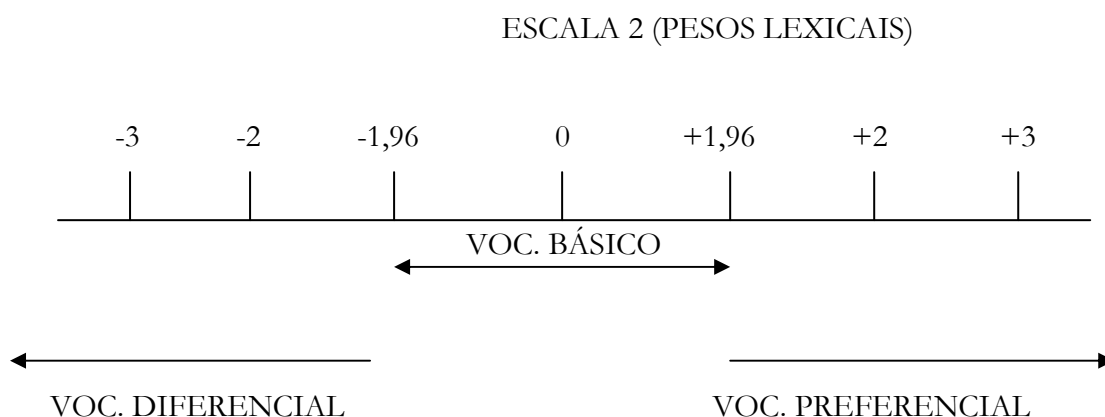
O recorte dos itens lexicais, do ponto de vista quantitativo, foi efetuado a partir de uma tipologia de vocábulos que expressam exatamente o valor do conjunto dos pesos lexicais distribuídos nas 8 variáveis (CAMLONG, 1996).

A forma de descrição destes vocábulos é a seguinte:

1. Vocabulário Preferencial – representa justamente o conjunto de vocábulos de escolha privilegiada do sujeito discursivo, com peso lexical positivo, ($z > +1,96$ ou $+2$);
2. Vocabulário Diferencial – indica o conjunto de vocábulos de emprego deficitário, objeto de rejeição ou abandono, com peso lexical negativo, ($z < -1,96$ ou -2);
3. Vocabulário Básico - indica o conjunto de vocábulos que servem de suporte à construção do texto, em que seu peso lexical se encontra próximo à média escalar ($-1,96 < z < +1,96$), e ainda podem ser distinguidos em mais duas categorias: vocabulário básico de tendência positiva, que tem peso lexical tendendo a dar suporte ao vocabulário preferencial (entre $+1 < z < +2$); vocabulário básico de tendência negativa, que tem peso lexical tendendo a dar suporte ao vocabulário diferencial (entre $-2 < z < -1$);

4. Vocabulário Particular ou de Predileção – este é o conjunto de vocábulos que aparecem em apenas uma variável, sendo essencialmente temáticos. Nele se incluem os *hapax*, constituindo uma única ocorrência em todo o *corpus*.

Podemos compreender melhor esta tipologia através da escala abaixo:



(CAMLONG, 1996; p. 127)

Após todos os *corpora* terem sido submetidos ao processo de análise no programa STABLEX e na MACRO, foram constituídas as tabelas de frequências e a tabela de desvios reduzidos (TDFs e TDRs). Em seguida, identificou-se conjuntos de itens lexicais cujos campos semânticos e respectivos pesos remetiam a temáticas de interesse para a análise de nosso objeto de estudo. Procedeu-se, então, a um reagrupamento de tais itens lexicais através de uma técnica de síntese chamada, por Camlong (1996), de lematização.

Esta técnica permite uma síntese parcial do léxico em análise, reagrupando vocábulos (nomes, verbos, adjetivos e advérbios) em torno de um tema, o que forma um novo vetor para que este possa ser pesado, ter suas características determinadas (carga semântica, temática, retórica...) como também a determinação do seu lugar no *corpus* ou na variável.

A lematização foi efetuada através do programa de informática Excel, aplicando-se para este processo a seguinte fórmula matemática apropriada para este programa: $\{=((LC(-1)-LC(-2))*L1C/RAIZ(LC(-2)*L1C*L2C))\}$; observa-se que LC(-1) e LC(-2) indicam os valores relativos das frequências da variável e das frequências globais, respectivamente; enquanto que L1C e L2C indicam os valores absolutos de p e q⁴ (CAMLONG, 1996).

Os sub-temas, lematizados a partir de recortes dos itens lexicais exaustivamente recenseados e descritos nas TDRs e TDFs, foram constituídos em função dos campos semânticos (sentidos) aos quais tais itens lexicais remetem e dos objetivos de nossa pesquisa. Dessa forma, distribuímos os vocábulos das variáveis em 3 grandes temas com seus respectivos sub-temas:

⁴ Estes valores correspondem à possibilidade de ocorrência e de não ocorrência, respectivamente, de um vocábulo em uma variável. Esses valores são dados automaticamente quando se executa a análise na MACRO.

1. Ato Ético Justiça: Defesa e Proteção, Violência;
2. Ato Ético Liberdade: Liberdade;
3. Ato Ético Dignidade: Trabalho, Política, Cidadania.

Para apoiar esta divisão, tomamos as reflexões feitas por Araújo (2005) em seu trabalho introdutório à ética. Araújo mostra-nos tais temáticas relacionadas às ações praticadas por indivíduos concretos. Os indivíduos são possuidores de responsabilidades no que se refere à tomada de posições coerentes com as constantes mudanças no mundo globalizado.

Uma amostra de análise: a arquitetura enunciativo-discursiva das esferas de atividade jornalística

Apresentaremos aqui uma das análises feitas dos discursos produzidos pelas diferentes esferas de atividade veiculadas pela imprensa jornalística acerca do tema identidade da mulher. Esses discursos constituíram parte dos nossos *corpora*. Para atingir os objetivos propostos para o artigo, apresentaremos apenas o ato ético liberdade; uma vez que, a análise quantiquantitativa dos discursos, de cada uma das esferas, permitiu-nos observar e descrever três deslocamentos temáticos do ato ético: justiça, liberdade e dignidade. O ato ético foi a categoria teórica objeto da presente análise de dados.

Ato Ético Liberdade

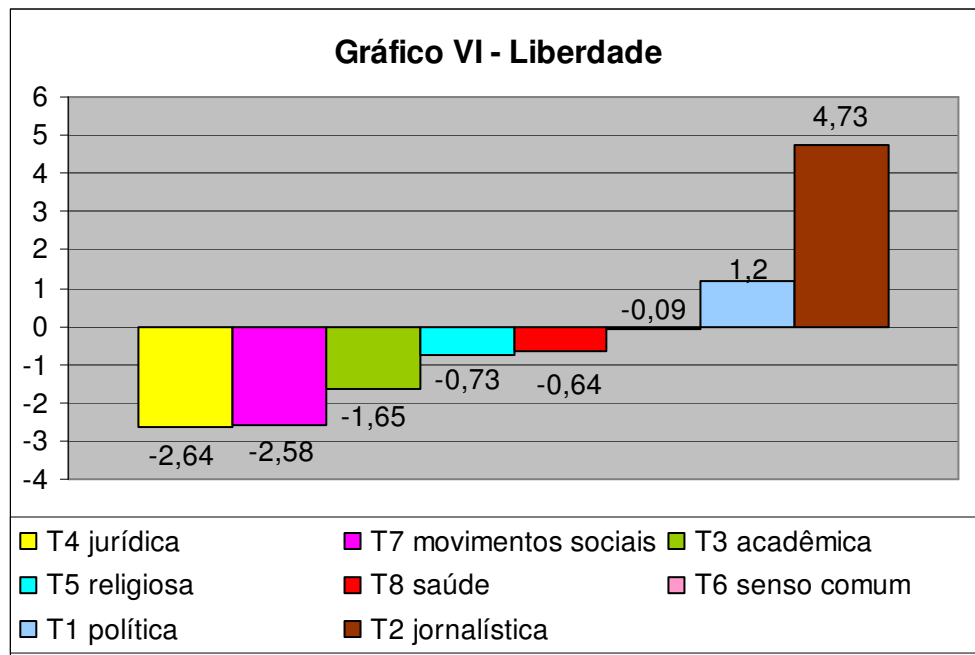
Agir de forma ética não está desvinculado da liberdade e, conseqüentemente, da responsabilidade advinda da(s) escolha(s) feita(s) pelo indivíduo. A liberdade, aqui, é entendida como: (1) autodeterminação ou auto-causalidade, isto é, ausência de condições e de limites; (2) necessidade atribuída à totalidade a que o homem pertence; (3) possibilidade ou escolha. Neste caso ela é limitada e condicionada, isto é, finita (ABBAGNANO, 2007).

Os três significados para a liberdade não devem ser tomados como diferentes formas que ela assume em várias esferas sociais, como por exemplo, na política, na economia ou nas artes. A liberdade deve ser compreendida no conjunto desses pressupostos – de medida, de condições e de limites –, cujo emprego vai depender da esfera social em que tais pressupostos são aplicados (ABBAGNANO, 2007).

Liberdade: a mulher busca sua expressividade

Para dar prosseguimento ao nosso trabalho, iremos analisar o ato ético liberdade em relação aos discursos produzidos pelas diversas esferas de atividade que se fazem representar na mídia jornalística, em relação ao tema mulher e liberdade, à luz dos conceitos bakhtinianos de ato ético (1993), acento apreciativo

(2006; 2000) e dialogismo (2000; 20005). Também utilizaremos diversos teóricos que tratam das relações de gênero, como Hirata (2002), Groppi (1995) e Rocha-Coutinho (1994). Em relação à identidade, utilizaremos Hall, Silva e Woodward (2000).



O gráfico VI acima, que descreve a temática do Ato Ético Liberdade, ilustra a heterogeneidade dos pesos das variáveis em questão. Pode-se observar que o vocabulário objeto de rejeição e descarte (diferencial), por parte dos enunciadores, é atribuído às variáveis esfera jurídica (-2,64) e movimentos sociais (-2,58), enquanto que o vocabulário de predileção (preferencial) é atribuído a uma única variável, a esfera jornalística (+4,73). Já em relação ao vocabulário básico, de uso comum, pode-se observar que ele é acentuadamente de tendência negativa, dando assim, suporte para o vocabulário diferencial. Estão situadas nesse tipo de vocabulário as variáveis T3 (esfera acadêmica), com peso (-1,65); T5 (esfera religiosa) com peso (-0,73); T8 (esfera da saúde) com peso (-0,64) e T6 (esfera do senso comum) com peso de (-0,09). A esfera da política encontra-se no vocabulário básico de tendência positiva com peso de (1,2), o qual dá suporte ao vocabulário preferencial.

Como exemplos de vocabulário, que a esfera jurídica e a esfera dos movimentos sociais utilizam em seus discursos, podemos citar: **liberdade, dona de seu corpo, adquiriu, expressar-se**. Já para a esfera jornalística temos: **afirmação, independência, liberdade sexual, autonomia, evolui, liberta**.

Esfera Jurídica (T4)

Como sugerido por Bakhtin (1993), os discursos são atos humanos e conseqüentemente uma ação concreta, intencional e praticada por sujeitos situados. Eles expressam visões da sociedade. Cada sujeito deixa transparecer suas intenções as quais são índices avaliativos daquilo que enuncia. O enunciador de T4 aborda a

temática do Ato Ético Liberdade em um contexto de lutas e conquistas obtidas pela mulher, mesmo persistindo, em muitos lugares do planeta, a sua exclusão social e subordinação ao homem. Ele procura dar uma visão geral de todas as realizações promovidas pela mulher, referindo-se ao campo da **política** com direito à participação efetiva, da educação, com **direito de estudar**; da cidadania com o **direito à cultura**; da vida sexual, com direito ao **sexo prazeroso**. Dessa forma, ele salienta a luta feminina pela ampliação de espaços. É dada visibilidade, no discurso de T4, ao produto (emancipação da mulher) sem haver avaliação do processo, de como as conquistas ocorreram para garantir a liberdade alcançada pelas mulheres. O que se pode observar, nestas enunciações, é o repetível de uma realidade universal, um enunciador com uma visão exotópica de mero observador que informa e mostra os fatos:

Diz-se que uma das revoluções mais importantes do século XX foi a empreendida pela mulher, sua luta pela **liberdade**, igualdade, pela cidadania, assim entendido o direito ao trabalho, de **expressar-se** em todos os sentidos, de participar ativamente da política, direito de estudar, direito à cultura, ao descanso, ao **sexo prazeroso** etc... como parte do processo de construção de um mundo sem dominadores e dominados, um mundo compartilhado por homens e mulheres sob o lema “eu e você”.

A emancipação da mulher no campo político como no social não é algo que teria-se dado como um processo natural da história, sem a influência das mulheres. Pelo contrário, a história mostra que só se obtiveram essas vitórias nos lugares onde as mulheres foram protagonistas de uma brava luta em direção à essas conquistas. Tanto é assim que, em muitos lugares do planeta, as mulheres ainda vivem ocultadas no lar e, mesmo quando saem às ruas, o fazem com seus corpos totalmente encobertos, não têm vontade e muito menos **liberdade**.

[...]

(T4) (A causa da mulher, *Jornal do Commercio*, 1999, p.3, Raquel Soffé) (texto 11)

A “liberdade” é parte de uma reflexão maior e mais abrangente de um todo do universo de mudança alcançado pela mulher. O enunciador enfatiza um conjunto de pontos importantes – política, educação, lazer, sexualidade etc. – como mudanças construídas pelas mulheres no seu caminhar para um momento de maior equilíbrio no campo profissional, na vida afetiva e na conscientização de seu papel social. Entre eles há, como aludido anteriormente, a menção à livre expressão e uma vida ativa com **sexo prazeroso**.

A referência à liberdade conquistada e sendo usufruída pelas mulheres tem pouca representatividade no todo do discurso da esfera jurídica, pois o acento apreciativo deste enunciador ressalta apenas contrastes, no mundo todo, entre aquilo que a mulher já conquistou e o que ainda não foi possível alcançar. Este ato atividade (Bakhtin, 1993) – o repetível e o constante – não é um modo do agir passivo no mundo, pois como já aludimos acima, o sujeito reflete e refrata a realidade que o cerca em seu discurso. Este enunciador de T4 deteve-se, em sua enunciação, a questões que não têm uma reflexão mais profunda, mesmo mencionando um assunto envolto em tabus como a sexualidade feminina, o que leva-nos a sugerir que a rejeição pela temática liberdade esteja relacionada a pouca relevância do tema por parte deste enunciador da esfera jurídica, uma vez que seu discurso remete para esta questão como quase equalizada.

De forma semelhante se expressa o próximo enunciador de T4, do qual apresentamos o recorte discursivo abaixo. Ele destaca a “independência da mulher” e faz isso empregando o discurso do **outro** – William Durant – para reforçar seu ponto de vista:

[...] Há cerca de trinta anos, li um livro de autor americano, salvo engano William Durant, em “Filosofia da Vida”, em que ele diz que, no setor social, nenhum acontecimento, no período dos primeiros cinquenta anos deste nosso século, teve tanta importância e repercussão, quanto o da **independência da mulher!**

[...] Atualmente, ainda existem muitas restrições à mulher, mas a mulher **adquiriu** sua **liberdade**, inclusive como **dona de seu corpo**, e está se impondo em todos os campos da atividade humana, trabalhando em qualquer lugar e disputando com o homem o sucesso da vida, com brilho e eficácia. Até futebol já está jogando... [...]

(T4) (O Dia da Mulher, Diário do Nordeste, 1999, p.2, Luís Crus de Vasconcelos) (texto 76)

E, novamente, como fez o primeiro enunciador de T4, este enunciador demonstra que as conquistas da mulher ainda não estão completas, pois ela tem a **liberdade**, ou melhor, **adquiriu** esta condição e a vem desempenhando com importantes funções em outros setores do desenvolvimento humano. Podemos observar, no emprego do verbo **adquiriu**, um acento apreciativo que denota um sentido vago de liberdade, já que como ação, a liberdade envolve a compreensão de uma necessidade humana com base no seu caráter histórico-social (VÁZQUEZ, 2006). Também corrobora a menção à mulher como **dona de seu corpo**, refletindo uma mudança na postura conservadora, no que diz respeito à questão da sexualidade feminina. O acento apreciativo que denota esta posição axiológica recai neste mesmo sintagma o qual é enfatizado com o uso do advérbio **inclusive**. O sintagma **dona de seu corpo** evoca sentidos de uma liberdade infinita, o que, segundo Vázquez (2006), significa decidir e operar como se quer em uma autodeterminação pura na qual tudo é possível. Isto já não foi observado no primeiro enunciador cujo acento apreciativo recaiu justamente na referência ao **sexo prazeroso** feminino.

Mesmo existindo diferenças quanto aos juízos de valor expressos nos acentos apreciativos dos dois enunciadores de T4 ao enunciarem-se em relação a questões envolvendo a mulher e a liberdade, ambos os enunciadores rejeitam a temática do ato ético liberdade, na medida em que esta temática é expressa através de um ponto de vista que generaliza a liberdade entre outros temas relacionados à mulher. Para Vázquez (2006), a liberdade traz consigo poder para quem a usufrui, domínio sobre a natureza externa do mundo e sobre a própria natureza interna do ser humano. Ao interpretar estes dois mundos ocorre uma transformação com base na interpretação, ou seja, o evento único e irrepitível da ação ética transformadora. Nesta esfera de atividade trata-se da reincidência do repetível, daqueles elementos que são comuns e constantes na forma composicional desses discursos. A relação desses enunciadores, estabelecida com a vida e, conseqüentemente, as suas tomadas de posição diante da responsabilidade de um ato que expressa um ponto de vista responsável pela informação e formação da opinião pública, refletem as posições exotópicas adotadas por eles, nas quais se reproduz um mundo quase que invariável. Não se observou o início de uma mudança significativa no trato desta questão nos discursos acima analisados. O ato continua em potência, um vir a ser protagonizado pela mediação da ação humana, corroborando, assim, com os baixos pesos observados, em T4, em relação ao valor atribuído a esta temática.

Esfera Jornalística (T2)

A rejeição a esta temática não ocorre na esfera jornalística (T2), já que a temática da liberdade é apontada nesta esfera como objeto de predileção, como pode-se observar no gráfico apresentado acima cujo peso para esta temática é de (4,73). Os recortes discursivos selecionados para a nossa análise inserem-se em dois contextos enunciativos da esfera jornalística: a sexualidade e o trabalho. Em relação ao recorte discursivo do primeiro enunciador desta esfera (T2), a vivência da sexualidade, pela mulher, representa uma grande realização em termos de liberdade, uma vez que não há esta liberdade em todas as partes do mundo. As conquistas ainda não são unanimidades.

[...] A mudança no papel social da mulher, de maior repercussão nos últimos 100 anos, diz respeito ao seu comportamento sexual. Primeiro, nos anos 60, com a massificação do consumo de contraceptivos, **descobrimo** a **liberdade sexual**; depois, pela **afirmação** de sua **independência** na escolha dos parceiros.

Essas conquistas, porém, só alcançam uma parte da sociedade mundial. Em muitos lugares, a mulher ainda padece a inconcebível condição de inferioridade. Seu resgate é a finalidade deste dia comemorativo.

(T2) (Mérito reconhecido, Diário do Nordeste, 2000, p.2) (texto 77)

Observa-se no acento apreciativo desse enunciador, ao referir-se às **descobertas** femininas, que não se trata pura e simplesmente de uma liberdade que aconteceu e se tornou parte da realidade da mulher na contemporaneidade. Há todo um percurso histórico, marcado por fatos desencadeadores, das mulheres **descobrimo** uma parte importante de suas vidas antes negada. O enunciador de T2 evidencia que a mulher descobre sua sexualidade e passa a afirmá-la por meio da ação de **escolha dos parceiros**. E esta escolha lhe é proporcionada pela **independência** adquirida no direito de exercer sua própria liberdade. O enunciador evoca, em seu discurso, a imagem de uma mulher que se afirma por meio de suas escolhas pessoais no espaço privado, reafirmando, assim, a libertação feminina. Como bem coloca Vázquez (2006), todo ser humano é livre em suas decisões e ações sem que estas deixem de ter uma causa, pois o grau de liberdade encontra-se determinado histórica e socialmente numa sociedade determinada. Este determinismo, referido pelo autor, encontra-se nas formas de comportamento e nas possibilidades de ação possíveis dentro da sociedade.

Já o segundo recorte discursivo selecionado para T2 sugere um enunciador que não vê a libertação feminina com **bons olhos** e cujo acento apreciativo recai na denegação da pretensa liberdade feminina de ocupação de determinados espaços, como o cinema e a televisão. O enunciador caracteriza tais espaços pelo poder de controle da **vontade feminina** que exercem. A **autonomia** e a **liberdade** feminina estão, para ele, submetidas a um mecanismo de controle social que se fortalece devido ao fato de as mulheres deixarem-se iludir pelos espaços do cinema e da televisão. Ao contrário do enunciador anterior de T2, este enfatiza em seu discurso um ponto de vista bem particular do universo social, isto é, um determinismo que não dá margem nem grau de liberdade à mulher, uma vez que, se a liberdade está determinada por causas externas, a mulher não teria

poder de decisão, apenas de agir de acordo com a causalidade (cinema, televisão) e, conseqüentemente, a liberação e a liberdade femininas seriam condicionadas sem o agir situado da mulher no mundo.

[...] Mesmo nas áreas em que tudo sugere **autonomia e liberdade** por parte da mulher, como é o caso do cinema e da televisão, não há como deixar de perceber a presença de uma poderosa máquina trituradora da vontade feminina.

Aí, sim, as engrenagens funcionam exercendo um enorme poder de pressão sobre o trabalho da mulher. Ela não passa de um delicado brinquedo, quase um mecanismo de relojoaria, que é preciso dar corda, fazê-lo funcionar direitinho. Ou então movê-lo à distância, por controle remoto, como se faz com qualquer engenho eletrônico.

Essa formidável indústria, que movimentava bilhões de dólares por ano – quem sabe, por minuto – no entanto, só funciona com a cumplicidade de certas mulheres, que se submetem a esse gênero de exploração, vendendo e alugando o próprio corpo, num leilão de escravas quase idêntico àqueles patrocinados pelos romanos a vender em feiras livres gregas e troianas do seu tempo.

A guerra não é só das mulheres, nem busca apenas a sua **libertação**. A guerra é da humanidade inteira, pela conquista da dignidade plena e sem discriminação.

(T2) (Mulheres de guerra, Correio da Paraíba, 1999, p.2, Luiz Augusto Crispim) (texto 52)

O acento apreciativo deste enunciador recai no alerta à utilização exagerada da mulher, na mídia, como objeto de sedução. Isto é evidenciado quando ele alude à mulher **vendendo e alugando o próprio corpo**. Este acento apreciativo remete aos estereótipos femininos fabricados pelo cinema hollywoodiano o qual projetava a imagem da mulher-objeto, uma mercadoria negociável. Ao exagerar na força destrutiva que o cinema e a televisão podem exercer, em relação à mulher, como veículos de comunicação, este enunciador corrobora para a evocação da liberdade como uma experiência condicionada pelo determinismo. Através desta visão de liberdade, o enunciador acima referido (T2) instaura um diálogo com esta mulher, com a vida e o mundo nos quais ela se insere. E, assim fazendo, os enunciadores instauram um ato de construção de uma falsa liberdade, um engodo que privilegia apenas as instituições masculinas e toda uma tradição histórica de uso da mulher como objeto.

Ao enfatizar, na palavra **guerra**, o acento apreciativo que evoca a luta da mulher para a temática tratada, o enunciador de T2 atribui à palavra **libertação** uma força enunciativa que se evidencia na enunciação de que **a guerra não é só das mulheres**, no que condiz com a imagem da mulher enquanto fenômeno de massa da mídia, segundo o próprio enunciador de T2. Podemos até dizer que há um exagero neste discurso de T2 evidenciado pelo tom enfático em **vendendo e alugando o próprio corpo e leilão de escravas**, expressões que utiliza para criticar a mídia e o uso do corpo da mulher, como também o apelo que faz ao convocar a **humanidade inteira** a lutar pela liberdade da mulher. E assim procedendo, coloca a descoberto uma visão existente na sociedade no que diz respeito à mulher na mídia, a de que ela é um objeto, quando nos referimos aos avanços e mudanças nos espaços conquistados por ela. A liberdade, buscada pela mulher, em nossa sociedade, parece ser marcada, neste discurso de T2, como já aludimos anteriormente, pelo determinismo, pela causalidade do mundo midiático que a projeta como ser-objeto.

Ter direito à liberdade foi durante muito tempo negado à mulher e isto marcava uma diferença entre os sexos, entre tantas outras existentes nos diversos espaços sociais. Os discursos acima analisados sempre evocam que a mulher adquire, conquista, luta por sua liberdade e emancipação. Como bem apontam Silva, Woodward e Hall (2000), as diferenças marcam a construção da identidade dos grupos sociais, étnicos, culturais, religiosos

etc., e é também esta identidade um processo fragmentado. Ao conseguir esta liberdade, a mulher continua a enfrentar desafios em sua vida, este evento único, finito, transitório e irrepetível que Bakhtin nos fala e que os enunciadores procuraram evidenciar em seus discursos.

Para finalizar, apresentamos a seguir uma síntese dos resultados observados em relação a cada uma das esferas de atividade.

1- Esferas que apresentam vocabulário diferencial, ou seja, rejeitam a temática da liberdade:

1.1 Esfera Jurídica (T4)

- a) Contextualiza em seus discursos as lutas e conquistas obtidas pela mulher;
- b) Refere-se à existência de exclusão social e subordinação da mulher;
- c) Generaliza as realizações promovidas pelo sexo feminino;
- d) Evoca a liberdade como conquistada e sendo usufruída pelas mulheres;
- e) Não aprofunda questões que envolvem a liberdade feminina;
- f) Aborda a liberdade de uma maneira generalizante;
- g) Faz uma apreciação vaga sobre a liberdade;
- h) Refere-se a uma mudança na postura conservadora da sociedade no que diz respeito à questão da sexualidade;

2- Esferas que apresentam vocabulário preferencial, ou seja, privilegiam a temática da liberdade:

2.1 Esfera Jornalística (T2)

- a) Refere-se à vivência da sexualidade como uma grande realização em termos de liberdade;
- b) Refere-se à liberdade da mulher como uma questão não equitativa no mundo: as conquistas ainda não são unanimidades;
- c) Trata a liberdade como um percurso histórico no qual as mulheres descobrem sua auto-afirmação;
- d) Evoca a imagem de uma mulher que se afirma por meio de suas escolhas pessoais no espaço privado e, assim, reafirma a liberação feminina;
- e) Refere-se à denegação da liberdade feminina em espaços midiáticos como o cinema e a televisão;
- f) Tende a apresentar um ponto de vista determinista do universo social;
- g) Evoca a liberdade como uma experiência que é determinada pelo meio social;
- g) Constrói uma imagem social da mulher-objeto na mídia;
- h) Evidencia a construção de uma falsa liberdade que privilegia as instituições masculinas e uma tradição histórica de uso da mulher como objeto.

Podemos observar que a liberdade não se constitui, necessariamente, em saber usá-la de forma socialmente aceita, mas descobrir, ao longo das vitórias e dos fracassos, as melhores formas de usufruir desta liberdade. A mulher se descobre a cada dia dona de sua própria vida e de suas próprias escolhas e nem sempre tais escolhas são as mais adequadas. Este processo de tentativas, erros e acertos fazem parte da construção da identidade feminina.

Considerações Finais

Esperamos que o artigo tenha provocado inquietação e/ou mostrado novos caminhos para os pesquisadores ávidos por novas ferramentas para trabalhar com seus objetos de estudo. A eficácia demonstrada pelo Método Camlong auxilia e valida, com maior precisão, a tese apresentada por qualquer pesquisador. Os pontos de vista defendidos em uma pesquisa nas ciências humanas têm agora o auxílio de uma ferramenta informatizada que permite percepções novas de um mesmo objeto. Essas percepções, trazidas ao olhar do pesquisador, permitem cada vez mais a construção do conhecimento e não limitam – como alguns podem pensar – a análise dos dados a uma visão tecnicista e de cunho estrutural. Quem manipula os dados é o pesquisador, quem deposita o olhar sobre os dados é o pesquisador, os dados são produzidos por sujeitos sociais inseridos na interação social, ou seja, o método apresenta os dados, mas é o pesquisador – elemento humano – que tem o olhar e o conhecimento científico debruçados sobre o todo de sua pesquisa. Mais uma vez a palavra emerge com novos sentidos porque é o indivíduo que a faz assim.

Anexos

A causa da mulher (Texto 11)

RAQUEL ROFFÉ

Diz-se que uma das revoluções mais importantes do século XX foi a empreendida pela mulher, sua luta pela liberdade, igualdade, pela cidadania, assim entendido o direito ao trabalho, de expressar-se em todos os sentidos, de participar ativamente da política, direito de estudar, direito à cultura, ao descanso, ao sexo prazeroso etc... como parte do processo de construção de um mundo sem dominadores e dominados, um mundo compartilhado por homens e mulheres sob o lema “eu e você”.

A emancipação da mulher no campo político como no social não é algo que teria-se dado como um processo natural da história, sem a influência das mulheres. Pelo contrário, a história mostra que só se obtiveram essas vitórias nos lugares onde as mulheres foram protagonistas de uma brava luta em direção à essas conquistas. Tanto é assim que, em muitos lugares do planeta, as mulheres ainda vivem ocultadas no lar e, mesmo quando saem às ruas o fazem com seus corpos totalmente encobertos, não têm vontade e muito menos liberdade.

No Ocidente, a despeito dos grandes avanços, ainda há bastante caminho a percorrer em direção ao mundo do “eu e você”. O homem ainda faz o papel do dominador, em muitos casos. A violência conta a mulher, reflexo desse papel, ainda é bastante elevada, em todas as classes sociais. Essa violência ora se expressa de forma física, ora psicológica. O homem que tenta conter o sucesso profissional de sua esposa está, sem dúvida, praticando um tipo de violência psicológica, de dominação. Lembro de uma ex-vizinha, ainda jovem, casada com um empresário, mãe de duas filhas, que resolveu realizar seu sonho estudando Direito. Fez vestibular. Até aí tudo bem. O marido não imaginava que ela fosse ser bem-sucedida. Quando, porém, passou e começou a freqüentar a faculdade, ouvia dele, todos os dias, gracinhas com respeito a sua inteligência, menosprezo quanto ao seu sucesso futuro e outros tipos de chicotes psicológicos. O desfecho foi esperado: separação. Este caso não é isolado. Conheci uma médica, cujo marido, engenheiro, sempre achava que podia diagnosticar as enfermidades melhor do que ela.

Ainda que em muitos casos de violência, a repressão se faça necessária, a forma mais eficiente para combater esse mal é a educação. Só através da educação se poderá compreender o sentido do primeiro artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos”. Isso significa pessoas livres, iguais, auto-suficientes, as quais a sociedade reconhece o direito de exercer todas as suas capacidades e potencialidades e cobra sua participação na vida política, econômica, social e cultural.

A mulher, séculos e séculos proibida ou inibida de viver para fora de si mesma, para o mundo, como o fazia o homem, sendo aquela sempre à espera de seu redentor, príncipe encantado, não encontrou outra forma de crescer senão para dentro. Foi elaborando o seu interior, desenvolvendo-se como ser humano que conseguiu encontrar forças pra ir, aos poucos, rompendo a barreira, saindo de trás dos grandes homens para assumir seu papel ao lado deles. Hoje os cientistas dizem que a mulher vê o mundo com os dois lados do cérebro, ou seja, de forma mais abrangente. O homem, por outro lado, sempre voltado para o mundo de fora, das lutas exteriores, desempenhando sozinho o papel de provedor, pouco

olhou para dentro de si mesmo, e, não se observando naquilo que de mais parecido ele tem com a mulher, por ser também um ser humano, ficou surpreendido pelo que viu brotar desta.

O poeta Rainer Maria Rilke escreveu há quase cem anos: “A mulher em que a vida habita mais direta, fértil e cheia de confiança, deve, na realidade, ter-se tornado mais amadurecida, mais humana do que os homens”, “os homens que não a sentem vir ainda, serão por ela surpreendidos e derrotados”.

Há muito que se falar dos caminhos percorridos pelo homem e pela mulher através da história, mas o que de fato importa é que seu encontro seja para breve.

Assim como a mulher não precisa se travestir de homem para obter respeito no trabalho e alcançar sucesso, também não é necessário ao homem despir-se de sua masculinidade para observar-se internamente e descobrir o maravilhoso e intenso mundo de suas emoções. Sartre dizia que o que há de mais verdadeiro em nós são nossas emoções. Por que o homem não fala de suas emoções tanto quanto fala de sexo? Porque quando fala sobre sexo ele entende que fala sobre poder, fala como dominador, como herói e, para falar sobre sentimentos, ele tem que falar como um ser humano normal, com suas fortalezas mas também com suas fraquezas. É nesse campo dos sentimentos, das emoções que homens e mulheres, como seres humanos poderão se encontrar de forma mais verdadeira, sem jogos, sem interesses escusos, sem engodos. É isso que fará com que também os homens cheguem à velhice com muitos e verdadeiros amigos, homens e mulheres.

Raquel Roffé é advogada. (Jornal do Commercio – Recife, 10 de março de 1999 – Opiniões – p.3)

O Dia da Mulher (Texto 76)

Nenhuma criação da natureza foi tão importante quanto a da mulher! Na história da criação dos céus e da terra, diz-se que “Deus formou o homem do barro da terra e inspirou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem se tornou um ser vivente” (Gênesis 2,7).

Conta-se também que Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só; vou dar-lhe companhia que seja semelhante a ele” (Gn 2,18). Então, “o Senhor Deus adormeceu profundamente o homem e enquanto ele dormia, tomou-lhe uma costela e preencheu de carne o seu lugar. (Gn 2,21) E da costela que tinha tomado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher e levou-a para junto do homem” (Gn 2,23).

Por isso, “o homem deixará seu pai e sua mãe para se unir à sua mulher e os dois serão uma só carne” (Gn 2,24). E o Senhor Deus, abençoando-os, deu-lhes uma importante missão: “Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra!” (Gn 2,28).

O homem e a mulher, portanto, completam-se mutuamente e foram criados um para o outro, para viver em família. Mas, o homem, desde a criação, certamente por ter uma constituição física mais forte que a da mulher o por julgar que tem o poder de dominar a terra e a mulher foi tirada do seu corpo, usurpou da mulher o poder de domínio que Deus deu aos dois e passou a tratar sua companhia como subalterna e submissa.

Assim, a mulher, durante séculos e milênios, foi escrava do homem, servindo-lhe apenas para saciar-lhe os apetites sexuais e cuidar dos filhos e da casa. Mais tarde, quando se cuidou da educação, o futuro da mulher consistia em encontrar um bom marido.

Há cerca de trinta anos, li um livro de autor americano, salvo engano William Durant, em “Filosofia da Vida”, em que ele diz que, no setor social, nenhum acontecimento, no período dos primeiros cinquenta anos deste nosso século, teve tanta importância e repercussão, quanto o da independência da mulher!

Na verdade, não está longe o tempo em que a mulher não podia sequer votar, nem participar de concurso para obter um emprego, nem exercer certas profissões. A admissão de mulheres, como empregadas, por exemplo, entre nós, no Banco do Brasil, ou em tribunais de justiça, não era admitida e somente passou a se dar por uma conquista moderna da mulher, como foi o direito de votar. E sofriram discriminações, de toda natureza, no seio da sociedade.

Atualmente, ainda existem muitas restrições à mulher, mas a mulher adquiriu sua liberdade, inclusive como dona de seu corpo, e está se impondo em todos os campos da atividade humana, trabalhando em qualquer lugar e disputando com o homem o sucesso da vida, com brilho e eficácia. Até futebol já está jogando...

Quando estudei Medicina Legal, no Curso de Direito, lembro-me de estudantes fazendo galhofas das mulheres, dizendo que elas eram mesmo inferiores ao homem, porque seu cérebro era menor do que o do homem. Costumo, no entanto, dizer que o mundo do amanhã é dos jovens e das mulheres. E na verdade será.

O dia 8 de março é dedicado à mulher e comemorado como o Dia Internacional da Mulher. Merece, realmente, ser homenageada e festejada no seu dia, mas a mulher não tem dia, porque todos os dias são da mulher! Realmente, é a mulher a fonte da vida. O homem, seu companheiro, tem apenas o papel transitório de fecundá-la, mas é no ventre da mulher que começa a se perpetuar a vida do homem. Nascido o filho, entre gemidos, gritos, sofrimento e alegria, é ela quem o amamenta, é ela quem cuida de todas as necessidades, durante dias e noites, sem cessar, suportando o choro que não a deixa dormir, é ela que vela pela educação e a saúde do filho e acompanha com renovada preocupação seu crescimento e o desenrolar de sua vida. Ainda quando adultos os filhos, é sempre a mulher seu Anjo da Guarda. E mesmo

quando o filho é ingrato e se torna, porventura, um mau caráter, é sempre a mãe, que está a seu lado e sofre e procura justificar as loucuras do filho.

Eu, nascido homem, quero penitenciar-me das injustiças que continuo praticando com as mulheres, rendendo-lhes, aqui, pelo dia 8 de março, minhas sinceras homenagens.

Luís Crus de Vasconcelos – Advogado (Diário do Nordeste – Fortaleza, sábado 12 de março de 1999 – Opinião – p.2)

Mérito reconhecido (Texto 77)

Transcorre o Dia Internacional da Mulher, efeméride lembrada a cada ano, mas sem traduzir a exata dimensão do valor que lhe deve ser atribuído, em razão das conquistas acumuladas ao longo deste século. Reconhecer o mérito da mulher, mais do que dever, é uma forma de exaltá-la.

No curso da centúria que se fecha este ano, as conquistas assinaladas pelo exército feminino se processaram de forma lenta, porém, cumulativas. O primeiro estágio foi a superação de boa parte dos preconceitos que limitavam o seu papel social. Revestidos de propósitos defensivos, eles, no fundo, lhe tolham os passos.

Mesmo assim, perduram resquícios de uma sociedade marcadamente dominada pelo homem, impondo, assim, seu controle. Não faz muito tempo, a mulher, de forma geral, não passava de objeto. Os sinais desse mundo coisificado não desapareceram, mas os avanços são salutares. A mulher vem-se tornando sujeito do seu destino.

O ganho inicial, pela sua expressividade, se registrou no âmbito da cidadania. O primeiro voto feminino, em 1926 no Rio Grande do Norte, abriu caminho para que o contingente de mulheres se tornasse eleitor a partir de 1932, decidindo pleitos pelo seu peso numérico.

O direito de votar, inserido na legislação que regulamentou o pleito de 1934, o primeiro e único do período do Estado Novo, foi seguido pelo direito de ser votada. Corrigiu-se, desse modo, uma anomalia imposta pelo modelo de sociedade patriarcal que vigorava no País. A mulher adquiria, desse modo, posição de cidadã.

A timidez da época, vencida, apenas, pelas mulheres de vanguarda, não era muito diferente das condições atuais. Falta entusiasmo ao público feminino para preencher as cotas reservadas às candidaturas femininas, dentro da legislação partidária que lhe reserva 25% do total de vagas.

Foi no mercado de trabalho que aconteceram modificações substanciais. O conjunto de direitos sociais, incluídos na Consolidação das Leis Trabalhistas, protegia a mulher de condições insalubres de trabalho. Como predominava, à época, o emprego industrial, as normas lhe impediam o trabalho noturno.

Presentemente, expandem-se os serviços e, com ele, a mão-de-obra feminina, não podendo haver distinção entre sexos nas jornadas de trabalho. Daí a normalidade da presença da mulher no trabalho noturno, como decorrência natural das atividades terciárias. Neste ponto, a legislação caducou.

A mulher se tem afirmado, cada vez mais, no campo profissional, em igualdade de condições com o homem. E em alguns seguimentos, está-se tornando maioria no mercado de trabalho. O magistério, nos três níveis, registra o crescimento vertiginoso da presença feminina nas atividades didáticas, com brilho e competência.

Na área das ciências médicas, a mulher também vem despontando, tanto no magistério como na pesquisa teórica e aplicada. Laboratórios, hospitais, centros de pesquisa e salas de aula têm sido o campo de expansão preferencial do grupo feminino, aliando desempenho de qualidade com alto senso profissional.

No âmbito dos transportes, da comunicação e de gestão empresarial, a presença da mulher em postos de comando tem obtido desempenho elogiável. Como é o mérito que prevalece na indicação dessas executivas, os resultados confirmam o acerto das escolhas.

A mudança no papel social da mulher, de maior repercussão nos últimos 100 anos, diz respeito ao seu comportamento sexual. Primeiro, no anos 60, com a massificação do consumo de contraceptivos, descobrindo a liberdade sexual; depois, pela afirmação de sua independência na escolha dos parceiros.

Essas conquistas, porém, só alcançam uma parte da sociedade mundial. Em muitos lugares, a mulher ainda padece a inconcebível condição de inferioridade. Seu resgate é a finalidade deste dia comemorativo.

“Se algum dia vocês forem surpreendidos pela injustiça ou pela ingratidão, não deixem de crer na vida, de engrandecê-la pela decência, de construí-la pelo trabalho!”

Edson Queiroz

(Diário do Nordeste – Fortaleza, quarta-feira 8 de março de 2000 – Opinião – p.2)

Luiz Augusto Crispim (Texto 52)

Mulheres de guerra

Antes, quando a sociedade machista passava por qualquer acesso de culpa, falava numa certa “emancipação” da mulher.

Acontece que todas formas de convivência humana até hoje conhecidas, nunca deixaram de ser machistas. Da caverna ao templo, do islamismo retrógrado ao materialismo dialético. A mulher sempre esteve entre a condição de mero objeto reprodutor e o estado de sensualidade que o capitalismo inteligentemente soube industrializar com a ajuda dos meios de comunicação de massa.

A mulher continua quase tão oprimida quanto antes.

A única diferença é que, neste momento, já se ouve a sua voz, já se registra o seu protesto, ela própria faz chegar ao mundo o seu inconformismo.

Claro que não existe mais espaço para as sessões de tortura promovidas pelos maridonismo impiedoso, que encerrava as mulheres dentro dos lares, submetendo-as ao regime das fraldas, à sujeição das vassouras e ao comando dos fogões.

O estilo é outro.

Embora admitida – quase escrevo *tolerada* – pelo mercado de trabalho, as discriminações agora se manifestam sob a forma dissimulada do desequilíbrio das remunerações. São raras as mulheres que percebem os mesmos salários que os homens, desempenhando as mesmas funções.

Naturalmente, as reações vão-se esboçando por toda parte, com os movimentos denunciando esses preconceitos e discriminações, mas ainda é longo o caminho das conquistas.

Mesmo nas áreas em que tudo sugere autonomia e liberdade por parte da mulher, como é o caso do cinema e da televisão, não há como deixar de perceber a presença de uma poderosa máquina trituradora da vontade feminina.

Aí, sim, as engrenagens funcionam exercendo um enorme poder de pressão sobre o trabalho da mulher. Ela não passa de um delicado brinquedo, quase um mecanismo de relojoaria, que é preciso dar corda, fazê-lo funcionar direitinho. Ou então movê-lo à distância, por controle remoto, como se faz com qualquer engenho eletrônico.

Essa formidável indústria, que movimenta bilhões de dólares por ano – quem sabe, por minuto – no entanto, só funciona com a cumplicidade de certas mulheres, que se submetem a esse gênero de exploração, vendendo e alugando o próprio corpo, num leilão de escravas quase idêntico àqueles patrocinados pelos romanos a vender em feiras livres gregas e troianas do seu tempo.

A guerra não é só das mulheres, nem busca apenas a sua libertação. A guerra é da humanidade inteira, pela conquista da dignidade plena e sem discriminação.

(Correio da Paraíba – João Pessoa, terça-feira, 09 de março de 1999 – Opinião – p.2)

Bibliografia

ABBAGNANO, Nicola. (2007). *Dicionário de filosofia*. 4ª ed., São Paulo: Martins Fontes. pp. 593-596.

ARAÚJO, Luis. (2005). *Ética - uma introdução*. Lisboa: Imprensa Nacional.

BAKHTIN, Mikhail M. (1993). *Para uma filosofia do ato*. Tradução de Carlos Alberto Farraco e Cristovão Tezza do texto completo da edição americana *Toward a Philosophy of the act* (Austin: University of Texas Press, 1993 Translation and notes by Vadim Liapunov edited by Michael Holquist & Vadim Liapunov).

_____. (1998). *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. 4ª ed., São Paulo: Hucitec.

_____. (2000). *Estética da criação verbal*. 3ª ed., São Paulo: Martins Fontes.

BAKHTIN, Mikhail. (2005). *Problemas da poética de Dostoiévski*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, V. N. (2006). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 12ª ed., São Paulo: Hucitec.

CAMLONG, André. (1996). *Méthode d'analyse lexicale textuelle et discursive*. Paris: C.R.I.C. & Ophrys.

CASTELL, Manuel. (1999). *O poder da identidade*. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. 2ª ed., V.2, São Paulo: Paz e Terra.

- DURANTE, Juliana Cáu. (2007). *O discurso do especialista sobre o lugar dos pais na clínica do autismo*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras, UFPE-Recife.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção. (2003). A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. IN: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; SOUZA, Solange Jobim e; KRAMER, Sônia. (Orgs). *Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez. pp. 26-38.
- GROPPI, Angela. As raízes de um problema. (1995). IN: BONACHI, Gabriela; GROUPI, Angela (Org). *O dilema da cidadania: direitos e deveres das mulheres*. São Paulo: UNESP, pp. 11-25.
- HALL, Stuart. (2000). Quem precisa de identidade? IN: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 6ª ed., Petrópolis: Vozes, pp. 103-133.
- HIRATA, Helena. (2002). Reestruturação produtiva, cidadania e gênero. In: COSTA, Ana Alice et al. (Orgs.). *Um debate crítico a partir do feminismo: reestruturação produtiva, reprodução e gênero*. São Paulo: CUT, pp. 27-35.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. (1994). *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. (2000). A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 6ª ed., Petrópolis: Vozes, pp. 73-102.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez.(2006). *Ética*. 28 Ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- WOODWARD, Kathryn. (2000). Identidade e diferença: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 6ª ed., Petrópolis: Vozes, pp. 7-72.
- ZAPPAROLI, Zilda Maria; CAMLONG, André. (2002). *Do léxico ao discurso pela informática*. São Paulo: Fapesp.

Autor

¹ Marcelo Bernardo DOS SANTOS, professor, Ms.(Rede Municipal de Ensino de Olinda (PE).
tempum@yahoo.com.br